

Jacques DEMY, o cineasta que sonhava com Hollywood

Jacques Demy, apesar de não ser uma escolha imediata quando se pensa na *Nouvelle Vague*, dada a sua apetência para correr, simultaneamente, por dentro e por fora do movimento, é um dos grandes cineastas do cinema francês, principalmente na década de 60, como demonstra a Palma de Ouro de Cannes atribuída em 1964 ao musical encantado, **Os Chapéus de Chuva de Cherburgo**. Deambulando livremente entre o musical e o melodrama, Demy foi um dos cineastas que se relacionou de forma mais singular com a herança do cinema americano clássico, como se constata pela presença caucionária de Gene Kelly em **As Donzelas de Rochefort**. Num ciclo montado em parceria com o Instituto Francês, que inclui, além de quatro obras incontornáveis de Demy (com a presença das grandes atrizes europeias da época: Anouk Aimée, Jeanne Moreau, Catherine Deneuve), um filme muito especial, em volta das memórias de infância de Jacquot em Nantes, concebido pela companheira de sempre do cineasta.



Cineclube de Joane, Setembro de 2012

LOLA

Roland (Marc Michel), homem pobre e azarado, aborrece-se com a vida que leva e o trabalho que tem. Quando está decidido a ir-se embora reencontra o seu primeiro amor, Cécile (Anouk Aimée), que se tornou numa dançarina de cabaret, conhecida por Lola. Lola dá-lhe algumas esperanças mas conta-lhe que ama outro homem, de quem tem um filho, e que espera que ele volte.

Título Original: Lola (França / Itália, 1961, 90 min.)
Interpretação: Anouk Aimée, Marc Michel, Jacques Harden
Argumento: Jacques Demy
Fotografia: Raoul Coutard
Música: Michel Legrand
Montagem: Anne-Marie Cotret, Monique Teisseire
Produção: Georges de Beauregard, Carlo Ponti
Classificação: M/ 12 anos



A BAÍA DOS ANJOS

Jean chega a Nice. Começa a interessar-se pelo jogo e encontra no casino uma jogadora, Jackie. Entre os dois nasce paixão e fascínio. São um pelo outro, ou ambos pelo jogo? Jean instrui-se emocionalmente. Jackie joga.

Título original: La Baie des Anges (França, 1963, 79 min.)
Interpretação: Jeanne Moreau, Claude Mann, Paul Guers
Argumento: Jacques Demy
Fotografia: Jean Rabier
Música: Michel Legrand
Montagem: Anne-Marie Cotret
Produção: Paul-Edmond Decharme
Classificação: M/ 12 anos



OS CHAPÉUS DE CHUVA DE CHERBURGO

Geneviève Emery ama Guy Fouché. A mãe, comerciante de guarda-chuvas, não vê com bons olhos este namoro com um mecânico que nem sequer ainda cumpriu o serviço militar. Guy está mobilizado para a Argélia e Geneviève entrega-se-lhe antes da sua partida, prometendo aguardar o seu retorno ... Talvez a obra mais célebre de Jacques Demy e o filme que fez de Catherine Deneuve uma vedeta. Numa triste cidade do litoral atlântico francês, uma jovem fica grávida e o namorado parte para a Guerra da Argélia. Ela acabará por casar com outro homem... Demy conta esta história de amores frustrados num filme totalmente cantado, do primeiro ao último minuto, o que transforma a banal história num drama comovente. A música deste filme “em cantado” é de Michel Legrand. [Cinemateca Portuguesa]

Palma de Ouro no Festival de Cannes, 1964. Nomeação para os Óscares nas categorias de Melhor Canção Original, Melhor Banda Sonora original (Michel Legrand) e Melhor Argumento escrito para cinema.

Título original: Les Parapluies de Cherbourg (França, 1964, 90 min.)
Interpretação: Catherine Deneuve, Anne Vernon, Marc Michel
Argumento: Jacques Demy
Fotografia: Jean Rabier
Música: Michel Legrand
Montagem: Anne-Marie Cotret, Monique Teisseire
Produção: Mag Bodard
Classificação: M/ 12 anos



AS DONZELAS DE ROCHEFORT

Delphine e Solange são duas gémeas que vivem em Rochefort. Delphine é professora de dança e Solange compõe e ensina piano. A mãe de ambas, Yvonne, abandonou o homem que amava por não querer o apelido que este lhe daria se casassem. Maxence é um marinheiro-pintor que pintou o seu ideal feminino e o procurou por todos os portos do mundo. Simon é dono de uma loja de música. Deixou Paris e foi viver para Rochefort para ir viver na cidade onde se apaixonou há dez anos atrás. O famoso pianista Andy Miller encontrou o amor da sua vida em Rochefort, mas perdeu-o no mesmo dia. Todos procuram o amor, procuram-se uns aos outros, sem terem consciência que o amor pode estar mesmo ao virar da esquina... Um brilhante musical de Jacques Demy.

Título original: Les Demoiselles de Rochefort (França, 1967, 120 min.)
Interpretação: Catherine Deneuve, Françoise Dorléac, Gene Kelly
Argumento: Jacques Demy
Fotografia: Ghislain Cloquet
Música: Michel Legrand
Montagem: Jean Hamon
Produção: Mag Bodard, Gilbert de Goldschmidt
Classificação: M/ 12 anos



JACQUOT DE NANTES de Agnès Varda

Era uma vez um rapaz que cresceu numa garagem onde todos gostavam de cantar. Estava-se em 1939. Ele tinha oito anos e gostava de marionetas e operetas. Sonhava vir a ser cineasta, mas o pai obrigou-o a estudar mecânica. É de Jacques Demy e das suas memórias que se fala. É uma infância feliz que nos é contada, apesar dos acontecimentos da guerra e do pós-guerra.

Filme apresentado, fora de competição, no Festival de Cannes em 1991.

Varda revela-nos aqui a infância de Jacques Demy, o seu companheiro de tantos anos. Assumindo o registo ficcional, o filme é uma crónica dos anos da juventude do realizador, dos jogos com o seu irmão e amigos, dos amores infantis, mas também das primeiras experiências cinematográficas. Um filme que regista o despertar de uma vocação. [Cinemateca Portuguesa]

Título original: Jacquot de Nantes (França, 1990, 118 min.)
Interpretação: Philippe Maron, Edouard Joubaud, Laurent Mounier
Argumento: Agnès Varda, a partir das memórias de Jacques Demy
Fotografia: Patrick Blossier, Agnès Godard, Georges Strouvé
Música: Joanna Bruzdowicz
Montagem: Marie-Josée Audiard
Produção: Agnès Varda
Classificação: M/ 12 anos



A vanguarda segundo Jacques Demy

João Lopes, *Diário de Notícias* de 28 de Dezembro de 2010

Para o melhor e para o pior, passámos a associar o vanguardismo cinematográfico “apenas” às grandes transformações tecnológicas. É óbvio que, desde as lentes grandes angulares usadas por Orson Welles em **O Mundo a Seus Pés** (1941) até às manipulações digitais dos irmãos Wachowski na trilogia **Matrix** (1999-2003), muitos gestos criativos são inseparáveis da integração mais ou menos experimental de novos instrumentos técnicos. Em todo o caso, nenhum desses instrumentos garante, por si só, qualquer diferença artística, muito menos qualquer marca de génio.

O caso de Jacques Demy serve de exemplo esclarecedor, tanto mais que o seu nome fica quase sempre “esquecido” quando inventariamos os nomes emblemáticos da Nova Vaga francesa: Godard, Resnais, Rivette, etc. Dir-se-ia que Demy foi um cineasta artesanal, entregue a uma missão que, para muitos, nas últimas décadas, se tornou impossível: revitalizar a tradição do género musical numa época (a partir dos anos 60) em que a decomposição dos modelos de Hollywood já se mostrava irreversível.

Mais de quarenta anos passados sobre **Os Chapéus de Chuva de Cherburgo** e **As Donzelas de Rochefort**, percebemos que Demy não estava apenas a homenagear os clássicos de Hollywood (mesmo quando o fez de forma explícita, convidando Gene Kelly para contracenar com Catherine Deneuve e Françoise Dorléac em

As Donzelas de Rochefort). O seu trabalho apostava numa relação peculiar entre música, canto e (melo)drama, relação essa que teve no compositor Michel Legrand um decisivo colaborador.

Quando vemos ou revemos estes filmes, compreendemos que Demy nos convocava, não para um artifício mais ou menos fútil, mas para um peculiar realismo da fantasia. Para ele, as deambulações musicais são também uma via de entrada nos enigmas da alma. Anacrónico? Talvez. E, por isso, vanguardista.



No cinema é sempre tudo mais bonito

Jorge Mourinha, *Público* de 25 de Novembro de 2011

"Au cinéma, c'est toujours plus beau" - no cinema, é sempre tudo mais bonito. Esta frase de **Lola** é um desígnio que Jacques Demy nunca deixou de tentar cumprir ao longo de uma carreira demasiado curta (doze longas-metragens em 30 anos). Como se a vida devesse ser mais como o cinema - e a glória e a tragédia simultânea do seu cinema foi sempre esse desfazimento, constante e procurado, entre um cinema consciente do seu artifício e os pés assentes na terra que nunca quis abandonar. Foi sempre nesse limbo que se ganhou ou se perdeu o cinema do realizador francês, revelado em plena explosão da *Nouvelle Vague* mas que muito rapidamente se desviou em direcção a um dos percursos mais idiossincráticos e singulares do cinema mundial.

Para o bem e para o mal, Demy continua a ser identificado com os míticos **Chapéus de Chuva de Cherburgo** (1964), sumptuoso melodrama musical onde o artifício apenas reforçava a dolorosa impermanência da felicidade e a discrepância entre sonho e realidade.

(...) Na folha de sala com que apresentou o admirável **Lola** na Cinemateca Portuguesa, António Rodrigues define-o como uma espécie de "matriz" ou súpula de todo o cinema que Demy faria ao longo dos 30 anos seguintes, o que é absolutamente verdade. Dedicado a Max Ophüls, **Lola** desenha uma espécie de "ronda" entre personagens que gravitam (em alguns casos sem o saber) como satélites à volta de Cécile/Lola, a bailarina/"call girl" ingénua a que Anouk Aimée empresta uma sedutora e frágil frivolidade, possível apenas quando se quer esquecer a dureza da vida quotidiana. É uma heroína à imagem de Demy - pés no chão e cabeça no ar - e a musicalidade do seu estilo que parece surgir aqui inteiramente formado, fluido e quase coreográfico, trai já a ambição de grande espectáculo que não teve aqui orçamento para criar e que se espalharia em filmes posteriores.

Forçosamente, depois de tal estreia, o sempre difícil segundo filme sê-lo-ia ainda mais. Mas o arrebatado **A Baía dos Anjos** (tradução literal do título original, substituindo nesta edição o título com que o filme estreou entre nós, "A Grande Pecadora") é um dos mais belos filmes jamais feitos sobre o vício do jogo. Demy desenha a atracção de um jovem bancário (Claude Mann) cansado da sua vida certinha por uma jogadora compulsiva que vive à beira do precipício, interpretada por uma imperiosa Jeanne Moreau. "A Baía dos Anjos" não é um musical (mesmo com o tema principal de Michel Legrand a ecoar-nos nos ouvidos), mas transporta intacta a musicalidade do cineasta, que filma como se a história de Jackie e Jean fosse uma fuga para a frente em busca de um final feliz que a realidade teima em negar - e que acaba por acontecer de qualquer maneira, numa nota final que é a única nota em falso do filme. (...)